

IPCA-15 confirma perda de fôlego da inflação

Conjuntura IPCA-15 surpreende para cima, fecha junho em 0,04% e indica que queda dos preços será em ritmo inferior ao previsto

Prévia da inflação sinaliza desaceleração mais lenta

Anaís Fernandes e Luciano Carneiro
De São Paulo e do Rio

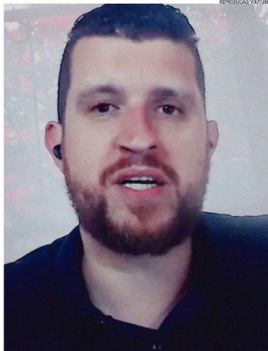
O Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo 15 (IPCA-15), prévia da inflação oficial do país, surpreendeu economistas ligeiramente para cima em junho, mas não mudou significativamente a percepção de que o processo de desinflação segue em curso, ainda que de forma mais lenta.

Com arrefecimento nos preços de alimentação e combustíveis, o IPCA-15 avançou apenas 0,04% em junho, após subir 0,51% na prévia de maio. A taxa foi a menor para um mês de junho desde 2020, quando avançou 0,02%, mas dentro do intervalo das estimativas, que ia até 0,1%.

Em 12 meses, o IPCA-15 acumula alta de 3,4% até junho, vindo de 4,07% até maio. É o menor resultado desde setembro de 2020, quando acumulava 2,65%.

"Nunca é bom vir acima do esperado, mas foi 'ok'", diz Alexandre Lohmann, estrategista-chefe da Constância Investimentos. Ele lembra que a prévia do mês contou, de um lado, com cortes da Petrobras nas refinarias e, de outro, com aumento do ICMMS sobre combustíveis. "Calcular o 'timing' exato do repasse é um pouco mais complicado", afirma.

Indivisionalmente, a gasolina, que recuou 3,4% em junho, foi a principal influência baixinha para o IPCA-15 de maio, com impacto de -0,17 ponto percentual. Em 12 meses, a queda da gasolina chega a quase 30%. Os combustíveis con-



Étore Sanchez: desinflação em curso está mais lenta do que o esperado

tribuíram para ampliar a deflação em transportes, de 0,04% na prévia de maio para 0,53% em junho.

No mesmo grupo, o IPCA-15 captou apenas parcialmente o programa do governo de redução de preços a carros novos, já que a

metida passou a valer em 6 de junho, mas a coleta para o índice foi feita entre 16 de maio e 14 de junho. Na prévia do mês, o preço do veículo novo caiu 0,86%. A Warren Renaissance esperava deflação de 2,5%, se-

cuo 0,47%. A queda de junho foi influenciada pela alimentação no domicílio, que passou de alta de 1,02% em maio para queda de 0,81% neste mês.

Pressionado pelos preços da taxa de água e esgoto e da energia elétrica, o grupo habitação subiu 0,96% e exerceu a principal pressão alista no IPCA-15 de junho, com impacto de 0,14 ponto percentual. Se o grupo tivesse se mantido estável, o IPCA-15 teria registrado deflação de 0,10%.

Em habitação, Étore Sanchez, economista chefe da Ativa Investimentos, destaca as altas no aluguel residencial (0,68%) e no condomínio (1,64%), que se desdobram para o IPCA fechado do mês. Sanchez ajustou a expectativa de deflação em junho de 0,20% para 0,12%.

Entre as medidas mais "qualitativas", economistas destacam que a inflação se espalhou menos em junho pelos itens que compõem o IPCA-15. O índice de difusão (proporção de itens com aumento de preços) caiu para 50,7%, de 64,3% em maio, segundo cálculo do Valor Data. É a menor difusão desde junho de 2020, quando esteve em 47,1%.

Os núcleos, que tentam suavizar o efeito de itens mais voláteis, porém, não desaceleraram tanto quanto a Ativa esperava. Eles registraram alta de 0,34% em junho, vindo de 0,42% em maio, ante expectativa de 0,27% da corretora. "A

nossa surpresa com os núcleos foi muito superior à surpresa com o índice cheio, o que denota que a desinflação em curso está se dando de maneira mais lenta do que esperávamos", diz Sanchez.

Especialistas destacam também que os serviços, que passaram de

Sinais mistos

Prévia da inflação de junho fica um pouco acima do esperado

Varição mensal de métricas selecionadas no IPCA-15 - em %

	Maio	Junho
IPCA-15	0,51	0,04
Méda dos núcleos	0,42	0,34
Preços administrados	1,10	-0,03
Preços livres	0,31	0,06
Serviços subjacentes	-0,06	0,56
Produtos industriais	0,39	-0,35
Difusão	64,30	50,70

3,4% é a variação do IPCA-15 acumulada em 12 meses até junho, ante **4,1%** até maio

Varição de grupos e subgrupos selecionados no IPCA-15 de junho - em %

	Mensal	12 meses
Alimentação e bebidas	-0,5	-0,9
Alimentação no domicílio	-0,8	-1,2
Carnes	-1,1	-0,9
Leites e derivados	-0,4	10,5
Alimentação fora de domicílio	0,3	7,1
Habitação	1,0	4,0
Aluguel residencial	0,7	6,5
Condomínio	1,6	5,4
Taxa de água e esgoto	3,6	10,8
Energia elétrica	1,5	-0,5
Transportes	-0,6	-0,4
Automóvel novo	-0,8	2,7
Automóvel usado	-0,2	-2,3
Combustíveis	-3,8	-26,9
Saúde e cuidados pessoais	0,2	10,6
Plano de saúde	0,4	11,5
Órgãos pessoais	0,1	10,0
Vestuário	0,8	10,3

Fonte: IBGE e MEN Consultoria

deflação de 0,06% na prévia de maio para alta de 0,56% em junho, e os serviços subjacentes, que são mais ligados ao ciclo econômico e aceleraram de 0,45% para 0,56%, surpreenderam para cima.

"É uma fonte de preocupação dentro de um quadro geral que está melhorando", diz Lohmann, da Constância. "Serviços ainda estão pressionados e isso é ruim, porque tem uma minoria no Copom [Comitê de Política Monetária] mais cautelosa, esperando maior progresso na convergência das expectativas de inflação, o que parece estar ocorrendo, e também maior desinflação dos serviços, o que não está indo muito bem", afirma.

Os indicadores "qualitativos" reforçam a visão de que o "segundo estágio" da desinflação no Brasil será mais duro e lento do que o primeiro, concentrado em bens alimentícios, e reiteram que o processo exige "paciência", diz Mahfuz, da XP. Em 12 meses, no entanto, a média dos núcleos desacelerou de 6,8% no IPCA-15 de maio para 6,2% em junho. Os serviços como um todo passaram de 6,45% para 6,13%, enquanto os subjacentes foram de 6,85% para 6,53%. "A desinflação segue em curso", reforça Sanchez.

"Serviços são fonte de preocupação dentro de quadro geral melhorando"
Alexandre Lohmann

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Valor Econômico - São Paulo/SP

Seção: Brasil **Caderno:** A **Página:** 2